

XI Congresso Brasileiro de Historia Econômica

12ª Conferência internacional de historia de empresas

Vitória-ES. 14 a 16 de setembro de 2015.

EVOLUÇÃO DO EMPREGO E DA PRODUTIVIDADE NA INDÚSTRIA BRASILEIRA

Thayná Loiola Silva Vieira- Graduada UFES

Elionai Lisboa De Aguiar Rodrigues –Graduada UFES

Rafael de Lacerda Moreira- Orientador - UFES

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo apresentar a trajetória da indústria e do emprego na indústria pós-abertura comercial. Como contribuição teórica, este artigo analisou o trabalho de: Carvalho e Feijó (2000), Feijó e Carvalho (2002) e Galeano e Feijó (2013), com o intuito de responder a seguinte pergunta: uma possível estagnação da produtividade da indústria brasileira adveio da abertura comercial ou seria um processo de um país em desenvolvimento?

Para Galeano e Feijó (2013) a relação entre estrutura econômica e evolução de produtividade possui um lugar de destaque em modelos de crescimento que enfatizam o papel da demanda agregada. As autoras se propõem a analisar o comportamento da produtividade do trabalho nas regiões do Brasil, por meio do método de decomposição da taxa de crescimento *Shift-share*.

Utilizando dados da indústria extrativa, e dos 23 setores de atividade da indústria de transformação, tendo com base a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) para os anos de 1996-2007, divulgados pela Pesquisa Industrial Anual (PIA). Galeano e Feijó (2013) buscam sinais de relevância dos componentes regional e estrutural na promoção do dinamismo da produtividade, em nível de setores de atividades e regiões.

Para Carvalho e Feijó (2000) entre a implantação do Plano Real e a liberação cambial, a produtividade ganhou lugar de destaque em análises macroeconômicas. Os analistas que discutem a produtividade podem ser divididos em dois grupos: os que acreditam que a indústria brasileira está em processo de desindustrialização e os que aceitam o aumento da produtividade como reflexo de um processo de modernização da indústria.

Sobre as causas e consequências do aumento da produtividade, Carvalho e Feijó (2000) acreditam que com a abertura da economia ocorreria uma substituição do valor agregado nacional por insumos importados, ocasionando uma elevação artificial da

produtividade, ou seja, esse aumento foi resultado de um processo de desindustrialização.

O objetivo de Feijó e Carvalho (2002) é recuperar as proposições de Kaldor, de investigar a relação teórica de causalidade entre crescimento da produtividade e crescimento do produto, a respeito do crescimento econômico, tendo como base os efeitos da abertura econômica e da estabilização de preços sobre a estrutura industrial.

Deixam claro que a abertura econômica e a estabilidade de preços provocaram um aumento na concorrência o que acabou levando ao aumento da produtividade nos anos 90. E esse aumento da produtividade decorreu principalmente das decisões de racionalização do processo produtivo, levando à adesão de novas formas de organização da produção. Ao trazer Kaldor para esse debate os autores colocam a produtividade como uma questão macroeconômica, onde o potencial de modernização do setor industrial esta associado ao crescimento sustentado da economia a longo prazo.

Quanto à questão do comportamento da produção física e principalmente do emprego industrial após a abertura da economia, todos concordam que foi inconstante. Todos os autores fazem questão de destacar também que, em média, prevaleceu a queda do emprego industrial. Essa seria, portanto, uma produtividade perversa, segundo Feijó e Carvalho (1993). Feijó e Carvalho (2002) ressaltam que a taxa de juros elevada junto com a inflação dos anos 1980 até 1994 levaram a uma queda no investimento privado no país.

Em vista dos argumentos apresentados pelos autores, percebe-se que o resultado do crescimento da produtividade observado nos anos 90 se diferenciou dos resultados de anos anteriores. Verifica-se assim uma relação inversa entre a taxa de crescimento da produção e do emprego, ou seja, os ganhos de produtividade decorrentes da queda do volume de emprego industrial.

Percebe-se assim que a indústria alterou sua estrutura e alguns setores perderam peso e outros ganharam mais expressão nesse período. Portanto, a baixa importância da indústria no PIB brasileiro ficou mais agravante com o início da crise mundial, apesar de outros fatores terem sido determinantes, como a falta de competitividade de alguns setores, aumento agressivo da concorrência. Sendo assim, ocorrem mudanças no padrão de crescimento da produtividade, passando de uma fase inicial de alto crescimento com forte retração no emprego, pós-abertura comercial para uma fase recente de taxas menores de crescimento da produtividade, mas com ligeira expansão do emprego.

A partir da tendência observada nos dados, é possível concluir que a produtividade da indústria no Brasil apresenta fortes indícios de estagnação, e uma propensão a queda, sendo necessária adoção de políticas econômicas que sustente uma produtividade em longo prazo, e faça com que a indústria inverta a situação de perda de dinamismo. Conclui-se também que a indústria brasileira vem perdendo seu dinamismo, fazendo com que a produtividade se mantenha estagnada, sem uma retomada de crescimento como a verificada em décadas anteriores.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, P. G. M.; FEIJÓ, C. A. Produtividade Industrial no Brasil: o debate recente. Indicadores Econômicos FEE, Rio Grande do Sul, v. 28, n.3, p. 232-255, 2000.

FEIJÓ, C. A.; CARVALHO, P. G. M. Produção, emprego, salário e produtividade industrial em 1992: um ano de paradoxos. Indicadores Econômicos FEE: análise conjuntural, Porto Alegre, v.21, n.1, maio, 1993.

FEIJÓ, Carmem A.; CARVALHO, Paulo G. M. de. Uma interpretação sobre a evolução da produtividade industrial no Brasil nos anos 90 e as “leis” de Kaldor. Nova Economia. 2002.

GALEANO, Edileuza A. Vital; FEIJÓ, C.A estagnação da produtividade do trabalho na indústria brasileira nos anos 1996-2007: análise nacional, regional e setorial. Nova Economia (UFMG. Impresso), v. 23, p. 9-50, 2013.